

O continente registra o aquecimento mais rápido entre as regiões definidas pelas Nações Unidas. Entre 1991 e 2021, os termômetros marcaram uma alta superior ao dobro da média mundial, informa relatório divulgado às vésperas da COP27

Aumento crítico da temperatura europeia

INA FASSBENDER

Quatro dias do início da COP27, conferência climática promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) no Egito, um novo relatório faz um alerta sobre a Europa. Segundo o documento, nas últimas três décadas, as temperaturas no continente aumentaram mais do que o dobro da média mundial, uma progressão mais rápida do que em outras partes do planeta.

De acordo com relatório divulgado pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) e o serviço europeu sobre mudança climática Copernicus, no período 1991-2021, os termômetros europeus registraram uma elevação de pelo menos 0,5°C por década.

“É o aquecimento mais rápido entre as seis regiões definidas pela OMM”, enfatizou o secretário-geral da agência, o finlandês Petteri Taalas, no prólogo do relatório sobre o clima no Velho Continente. O Ártico, que, em seu conjunto, está esquentando mais rápido do que a Europa, não é considerado como uma região pela organização, explicou a porta-voz Clare Nulvis à agência France Presse.

Como consequência do rápido aquecimento da Europa, as geleiras dos Alpes perderam 30 metros de espessura entre 1997 e 2021. Além disso, a camada de gelo da Groenlândia está derretendo, o que contribui para acelerar o aumento do nível do mar. No verão do ano passado, a Groenlândia registrou chuvas, pela primeira vez, em seu ponto mais alto, a estação Summit.

Fenômenos extremos

Petteri Taalas advertiu que “a Europa oferece uma imagem viva de um planeta que esquenta e nos lembra que mesmo as sociedades bem preparadas não estão a salvo dos fenômenos meteorológicos extremos”. O chefe da OMM destacou que, em 2021, houve uma série de fenômenos meteorológicos e climáticos extremos em várias partes do continente.

“As inundações excepcionalmente graves que causaram um número sem precedentes de mortes e de danos em partes da Europa Ocidental e Central em julho, e os incêndios destrutivos que devastaram o sudeste da Europa neste verão permanecerão na memória das nações afetadas e no registro climático internacional”, afirmou o finlandês. Todos esses de forte impacto



Homem passa por rua alagada na cidade de Iversheim, na Alemanha, após uma das mais devastadoras inundações no país, no verão do ano passado



A Europa oferece uma imagem viva de um planeta que esquenta e nos lembra que mesmo as sociedades bem preparadas não estão a salvo dos fenômenos meteorológicos extremos”

Petteri Taalas,
secretário-geral da Organização Meteorológica Mundial (OMM)

deixaram centenas de mortos no Velho Continente, afetaram mais de meio milhão de pessoas e causaram danos econômicos de mais de US\$ 50 bilhões (cerca de

R\$ 257 bilhões), de acordo com levantamento da OMM. Em torno de 84% dos casos foram inundações, ou tempestades.

Outro relatório divulgado pelas Nações Unidas, no mês passado, fez uma previsão sombria. Os especialistas advertiram que o planeta caminha para um aquecimento de 2,6°C até o fim do século. É muito mais do que o estabelecido como objetivo no Acordo de Paris sobre o Clima, firmado em 2015. No pacto, os países se comprometeram em conter o aumento da temperatura média do planeta abaixo de 2°C — e, se possível, abaixo de 1,5°C — em relação à era pré-industrial.

Segundo as estimativas da OMM, qualquer que seja o ritmo do aquecimento global, as temperaturas em todas as zonas da Europa subirão mais do que a média mundial, como se observou até agora. Isso pode intensificar as ondas de calor, incêndios florestais e inundações.

Lado positivo

O levantamento da OMM assinala, no entanto, que nem todas as notícias são ruins. Vários países europeus estão bem encaminhados para uma redução de suas emissões de gases de efeito estufa. Essas emissões já caíram 31% entre 1990 e 2020 na União Europeia. E, até 2030, a ambição é atingir uma redução líquida de 55%.

“A Europa pode desempenhar um papel decisivo no surgimento de uma sociedade neutra em carbono até meados do século, para cumprir o Acordo de Paris”, disse Taalas.

Os especialistas ressaltam ainda que o continente é uma das regiões mais avançadas em termos de cooperação transfronteiriça para a adaptação à mudança climática. Sem contar que cerca de 75% de sua população está protegida das catástrofes naturais e meteorológicas, graças a sistemas eficazes de alerta precoce. “Além disso, seus planos de ação contra as ondas de calor salvaram muitas vidas”, reconheceu a OMM.

ANGELOS TZORTZINIS



Bombeiros e voluntários em incêndio na Grécia: cenário sombrio

TONY KARUMBA



Mulheres levam galões com água para acampamento, na Somália

Custo mais alto para países pobres

As ondas de calor, cuja intensidade aumenta com as mudanças climáticas, causam prejuízos de bilhões de dólares em todo o mundo, mas o impacto econômico é maior nos países pobres, o que reforça as desigualdades. É o que conclui um estudo publicado na revista especializada *Science Advances*. “O custo do calor extremo foi suportado de forma desproporcional pelos países pobres e as regiões menos responsáveis pelo aquecimento global, e é uma tragédia”, comentou o professor da Dartmouth College Justin Mankin, um dos dois autores do trabalho.

Segundo a pesquisa, entre 1992 e 2013, os períodos de calor extremo custaram US\$ 16 trilhões à economia mundial. No

entanto, se individualizado, o prejuízo é incomparavelmente mais significativo para as nações mais carentes. Enquanto para os países mais ricos os prejuízos equivalem a 1,5% do PIB anual por habitante, para os pobres esse custo representa 6,7%.

A diferença se deve ao fato de muitos dos países desfavorecidos estarem localizados no nível dos trópicos, de clima mais quente. Dessa forma, em uma onda de calor, as temperaturas chegam a ser excepcionalmente altas.

Indenizações

Esses resultados repercutem às vésperas do início da COP27, onde o tema das indenizações, reivindicadas pelas nações mais

vulneráveis — fortemente afetados pelas mudanças climáticas, apesar de serem os que poluem menos —, deve ser um dos pontos-chave do debate.

Os custos envolvidos nas ondas de calor provêm de vários setores, como a agricultura, com colheitas menos abundantes. Os problemas de saúde também sobrecarregam os sistemas de atendimento médico, e a mortalidade elevada reduz a mão de obra.

Para calcular as estimativas, os pesquisadores se concentraram em cinco dias de altíssimas temperaturas por ano e conduziram o estudo em nível regional, com eventos de ondas de calor localizados. “A ideia geral é observar as variações de calor extremo e ver em que medida

isso se reflete nas variações de crescimento econômico”, explicou Mankin. “Em uma segunda etapa, observa-se como as mudanças climáticas causadas pelo homem influenciam esses calores extremos. O fato de as consequências econômicas unicamente do calor extremo serem tão grandes deveria nos fazer refletir”, destacou Mankin.

Estudos anteriores sobre o custo das ondas de calor se concentraram em impactos setoriais. Para os autores do novo trabalho, contudo, calcular o impacto econômico global é fundamental. Para Mankin, a prioridade é reduzir as emissões de gases de efeito estufa, a fim de não vermos “os custos da falta de ação” explodirem ainda mais.